

VIAGEM POR UMA PROPOSTA DIDÁTICA CONSIDERANDO AS NECESSIDADES DOS ESTUDANTES NEURO DIVERGENTES

Peter Krause ¹
Muriel Reichenbach ²
Claudia Josiane dos Santos ³
Louise Cervo Spencer ⁴
Maristela Juchum ⁵

INTRODUÇÃO

O Relato apresentado neste texto é fruto das experiências vivenciadas por um grupo de bolsistas do Pibid - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - desenvolvido pela Universidade do Vale do Taquari em parceria com a Escola Municipal de Ensino Fundamental Porto Novo, localizada na cidade de Lajeado. Este relato tem por objetivo apresentar um projeto interdisciplinar planejado para alunos dos oitavos anos, o qual está pautado pelo estudo das obras, biografia e contexto de Júlio Verne e integra um projeto maior envolvendo este autor, realizado também junto aos sextos e sétimos anos durante o segundo semestre de 2023, estes trabalhando Volta ao Mundo em 80 Dias e 20.000 Léguas submarinas, respectivamente. Aos bolsistas, coube a tarefa de elaborar uma sequência didática tomando como base o livro “Viagem ao Centro da Terra” que o autor publicou em 1863.

Durante a elaboração da Sequência Didática, foram consideradas as necessidades especiais que envolvem o macro-grupo conhecido como Neurodivergentes, ou, como definido pela CID⁶ 11, aqueles que sofrem de Transtornos do Neurodesenvolvimento, sendo que o foco deste trabalho está entre aqueles que sofrem de Transtorno do Espectro Autista (TEA), Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e Dislexia, mas também daqueles que sofrem com Superdotação/Altas Habilidades não contemplados pela CID ainda. Segundo o programa Neurodiversidade no Trabalho, da Universidade de Stanford, entre quinze e vinte por cento da população mundial é considerada neuro divergente. A legislação brasileira

¹ Graduando do Curso de Letras da Universidade do Vale do Taquari, Master of Business Administration pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - RS, peter.krause@universo.univates.br;

² Graduanda do Curso de História da Universidade do Vale do Taquari, muriel.reichenbach@universo.univates.br;

³ Graduando do Curso de Ciências Biológicas da Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES, claudiajoseanedossantos@gmail.com;

⁴ Mestre em Letras pela Universidade de Santa Maria - RS, louise.spencer@universo.univates.br;

⁵ Professor orientador: Doutora em Letras. Docente na Universidade do Vale do Taquari - Univates. juchum@univates.br

⁶ CID: Classificação Internacional de Doenças

também considera as necessidades desta parcela da população estudantil, garantindo suporte por monitor, adequação curricular, Projeto de Ensino Individualizado (PEI) entre outras garantias (Lei 14.254/21, PL 5.486/2020).

Uma ressalva estatística importante: enquanto os pesquisadores envolvidos com o estudo da neurodivergência estimam este percentual entre 15% e 20% da população mundial, os índices de diagnósticos são muito inferiores⁷.

A presente experiência foi realizada com o intuito de inverter a prioridade durante o processo de elaboração das aulas e, assim, reduzir a necessidade de adaptação curricular posterior entre os estudantes alísticos (ou neurotípicos) e seus colegas neurodivergentes.

Como regra de polegar, um professor pode assumir que em uma turma de vinte alunos, havendo diagnóstico formal ou não, ele estará lidando com quatro neurodivergentes. Daí a importância de se elaborar um plano de aula que considere as necessidades destes desde o início e não esperar que venha uma ordem legal impondo que se crie “adaptações”, “ajustes” ou “acomodações”. É preciso partir de um princípio não-capacitista⁸ desde o início, reconhecer a diversidade e elaborar um plano que reflita a força de cada indivíduo do corpo estudantil e a estimule. O primeiro passo, mais importante talvez, seja a adoção de uma pedagogia de projetos, de acordo com a doutora Maria Elisabette Prado (2005, p.4):

Na pedagogia de projetos, o aluno aprende no processo de produzir, levantar dúvidas, pesquisar e criar relações que incentivam novas buscas, descobertas, compreensões e reconstruções de conhecimento. Portanto, o papel do professor deixa de ser aquele que ensina por meio da transmissão de informações – que tem como centro do processo a atuação do professor – para criar situações de aprendizagem cujo foco incida sobre as relações que se estabelecem nesse processo, cabendo ao professor realizar as mediações necessárias para que o aluno possa encontrar sentido naquilo que está aprendendo a partir das relações criadas nessas situações.

Durante a elaboração do Plano de Aula e da Sequência Didática a ser aplicada na Escola, foram considerados alguns princípios norteadores para a melhor integração dos alunos de todos os neurotipos.

⁷ Isto ocorre em parte por causa da complexidade inerente à neurodiversidade que leva a diagnósticos errôneos, especialmente entre as meninas em que o TDAH, por exemplo, costuma se apresentar de maneira diferente; das comorbidades entre TDAH, TEA e Superdotação; da falta de acesso ao processo diagnóstico, no caso das Altas Habilidades não existe testagem pelo SUS, por exemplo; da ignorância e preconceito que ainda perpassam o viés social de muitos professores, pais e boa parte da sociedade em geral. - Nota do autor.

⁸ Capacitismo é o preconceito contra PCDs, muitas vezes manifestado em um tratamento do aluno como “coitadinho”.

PRIMUM NON NOCERE, ao professor cabe, assim como ao médico, considerar sempre o primeiro juramento hipocrático: Antes de tudo, não fazer o mal. Sabemos que algumas práticas pedagógicas tradicionais são nocivas aos membros da comunidade neurodivergente na escola. Temos apresentações distintas entre os três grupos: esgotamento sensorial nos autistas, dificuldade de auto-regulação entre os hiperativos, tédio entre os superdotados, isto sem falar no caso mais comum que é de haver uma combinação, comorbidade, entre estes fatores no mesmo estudante. Albano, segundo Moura (2019, p. 259), afirma:

Propiciar ao aluno TDAH atividades por meio de jogos e brincadeiras, o coloca a cumprir tarefas seriamente que prendem a atenção, ao cumprimento de desafios e regras, tão importantes para o seu desenvolvimento. No momento do jogo, esse aluno busca possibilidades de superar algumas dificuldades em busca de alcançar o objetivo traçado, e atividades lúdicas podem contribuir na aprendizagem, pois o prazer e o desejo de aprender devem caminhar juntos.

Isso se dá porque os portadores de TDAH produzem e consomem dopamina em uma razão mais acelerada que os neurotípicos, o que faz com que estratégias baseadas em recompensas ou punições futuras não tenham com eles o mesmo tipo de eficácia que com outras crianças. O professor deve focar em ressaltar o progresso deste aluno em relação à sua capacidade anterior, mantendo-o estimulado por perceber que está progredindo no aprendizado. Na sequência didática proposta, isto ocorre porque a execução das tarefas de aprendizado foram planejadas para realização em sala de aula com feedback imediato.

Paradigma da rampa de calçada: as rampas em calçadas foram criadas para atender às necessidade de uma minoria, os cadeirantes, mas acabaram sendo utilizados também por ciclistas, pessoas em patinetes, pais com carrinhos de bebê, entre outros. O mesmo vale para todo o trabalho produzido com foco nas necessidades especiais conhecidas, no mínimo não atrapalham os balísticos, ou neurotípicos, mas podem também gerar benefícios inesperados a eles. A hipótese com que se está trabalhando é que, uma vez que as aulas sejam planejadas priorizando as necessidades específicas do contingente neurodivergente será necessário menor quantidade de adaptações curriculares e metodológicas que a lei garante a esses alunos, poupando trabalho aos professores e otimizando os recursos sempre escassos do Estado em geral e das escolas em particular.

Uma das concepções mais comumente aplicadas de adaptação aos estudantes com necessidades especiais como TDAH é o aumento de prazos. Um prazo alongado pode resolver um conflito emergencial, mas não lida com o problema de maneira inclusiva. Uma estratégia

melhor é dividir uma tarefa complexa em tarefas menores. O benefício extra é, evidentemente, que também se ensina a todos os alunos esta habilidade de organizar o trabalho de uma tarefa complexa. Para tanto se escolheu trabalhar a sequência didática inteira em grupos, com uma produção a cada encontro e sem produções textuais como tema de casa.

METODOLOGIA

A sequência didática, utilizando como ponto de partida o livro Viagem ao Centro da Terra, objetivou trabalhar o texto jornalístico, focado nos gêneros textuais de reportagem e matéria, bem como apresentar o conceito de verdade científica aos alunos. O programa de estudos foi elaborado de maneira lúdica, evitando o conceito de “tema de casa”, embora seja requerido de todos os alunos que preparem uma reflexão sobre os assuntos abordados de modo a adiantar as aulas seguintes.

Foi criado um polígrafo curto explicando o que é a LEAD jornalística, entregue aos alunos como checklist para seus trabalhos e também com a intenção de colocar os estudantes na “pele do repórter”. O trabalho foi projetado para se desenvolver de maneira natural e lúdica até a produção coletiva de um jornal que conte, sob a forma de diversos cadernos montados por cada “equipe de reportagem”, o resumo e avaliação do livro pelos alunos.

As atividades foram pensadas para que os alunos trabalhem em grupo, com a supervisão - monitoramento - dos bolsistas, durante todas as partes da atividade. Logo de início, é pedido a eles que elaborem um texto informativo sem as devidas instruções, uma atividade chave para o diagnóstico do quanto os estudantes já dominam das habilidades a serem trabalhadas, bem como para permitir que percebam o quanto aprenderam ao final do projeto.

A sequência didática elaborada para este projeto contempla oito aulas que partem do princípio que os alunos têm alguns conhecimentos prévios: a leitura do livro "Viagem ao centro da terra"; conhecimento de algumas características dos gêneros jornalísticos, sendo que reportagem será trabalhado no desenvolvimento do plano de aula.

Nas primeiras duas aulas, serão apresentados os bolsistas PIBIDIANOS e introduzido o tema através de perguntas norteadoras. O primeiro encontro relacionando o gênero reportagem com o contexto do livro. Essa aula termina interativa, com os alunos gerando um post de Instagram sobre o livro. O segundo com enfoque nos textos de formato científico encontrados em jornais e revistas. Os alunos deverão encontrar e identificar artigos científicos cujo assunto seja o centro da terra. Os alunos devem avaliar o material apresentado, mesmo que brevemente.

Na terceira aula os alunos devem recapitular o conteúdo estudado anteriormente e a partir disso trabalhar o conceito de LEAD⁹, evidenciando a importância da sua aplicação durante a escrita de textos do gênero jornalístico. Os textos da aula anterior serão, então, reavaliados sob a ótica do que foi aprendido, assim trabalhando com eles no objetivo de evitar a meta-ignorância¹⁰. Nesta aula, os alunos formarão os grupos para o desenvolvimento do trabalho final.

Na quarta aula, cada grupo irá focar em um trecho do livro e produzirão um primeiro esboço de reportagem sobre ele, já pensando em imagens e definindo a função de cada aluno em seu grupo segundo seu maior talento e interesse.

Na quinta aula, os alunos irão explorar a fala dos repórteres da cidade sobre como produzir seus textos, deverão informar a população sobre a responsabilidade que eles têm em divulgar as notícias. Os estudantes da EMEF Porto Novo por meio desse trabalho poderão comparar sua compreensão do assunto com o fazer real dos profissionais.

Na sexta aula, será introduzida a ideia de *fake news*, falando que elas não são algo novo em nosso cotidiano. Além do resgate histórico, a análise de *fakenews* será realizada de maneira lúdica. Em seguida, tentaremos compreender o contexto social e histórico em que o autor Júlio Verne viveu através de perguntas norteadoras.

Na sétima aula, os alunos se reúnem com suas anotações e materiais e os Pibidianos atuarão como editores, auxiliando na produção de manchetes, na escolha do foco, em sugestões de apresentação para a produção da reportagem. Essa orientação próxima oferece o melhor tipo de feedback para os estudantes, auxilia na manutenção do foco na tarefa a ser realizada e simplifica o processo complexo de tomadas de decisão acerca do trabalho a ser realizado.

Na oitava e última aula, os alunos farão as apresentações do que foi realizado. O baú de memórias fará parte da exposição realizada na escola sobre a leitura dos livros de Júlio Verne dos sextos, sétimos e oitavos anos.

O projeto foi elaborado atentando para aspectos de ludicidade, criatividade e integração entre os estudantes e equipe docente envolvida, dividindo as tarefas em etapas. O planejamento interdisciplinar integrou o uso de imagens e recursos digitais de maneira a

⁹ Resumidamente: O primeiro parágrafo de uma matéria deve responder às perguntas: O que? Quem? Como? Quando? Onde? Por quê?

¹⁰ This meta-ignorance (or ignorance of ignorance) arises because lack of expertise and knowledge often hides in the realm of the “unknown unknowns” or is disguised by erroneous beliefs and background knowledge that only appear to be sufficient to conclude a right answer. David Dunning

promover a autoestima dos alunos e pautar um ritmo de estudo que permita pausas estratégicas e momentos para relaxar.

RESULTADOS

Até a redação deste relato, as aulas ainda não haviam sido aplicadas. No entanto, os resultados esperados são um aumento na participação dos alunos de todos os neurotipos, reduzindo ou eliminando as diferenças negativas entre os grupos e revelando as forças, talentos, naturais de cada tipo de aluno, resultando numa experiência de aprendizagem significativa e com retenção duradoura dos conteúdos estudados.

Palavras-chave: Inclusão; Neurodiversidade; TDAH; TEA; Pedagogia de Projetos.

REFERÊNCIAS

STANFORD Neurodiversity Project. Stanfor University Medical School, Disponível em <<https://med.stanford.edu/neurodiversity.html>> Acesso em 19 ago. 2023.

BARKLEY R. A. Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade. São Paulo: Artmed, 2002

MOURA, Luciana Teles e SILVA, Katiane Pedrosa Mirandola. O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e as práticas pedagógicas em sala de aula, Artigo original publicado em: 4/2019 Revista Eletrônica Acervo Saúde - ISSN 2178-2091 Disponível em <<https://downloads.editoracientifica.org/articles/200700683.pdf>>, acesso 16 de Agosto de 2023.

LEI Nº 14.254, DE 30 DE NOVEMBRO DE 2021, Disponível em <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2021/lei-14254-30-novembro-2021-792022-publicacaooriginal-164005-pl.html>>

SENADO APROVA DESENHO DE GIRASSOL COMO SÍMBOLO DE PESSOA COM DEFICIÊNCIA OCULTA disponível em <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2023/06/15/>>

PRADO, M.E.B.B, Pedagogia de Projetos: Fundamentos e Implicações. In. ALMEIDA, M.E.B e MORAN J. M. (Org.) Integração das Tecnologias na Educação. Brasília: Ministério da Educação SEED, 2005.

DUNNING, David. Advances in Experimental Social Psychology, Chapter five The Dunning-Kruger Effect On Being Ignorant of One's Own Ignorance. Elsevier, 2011 disponível em <<https://doi.org/10.1016/B978-0-12-385522-0.00005-6>>